

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO:

SECÇÃO RELIGIOSA: *O dinheiro de S. Pedro*, carta pastoral de S. Em.ª o snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa (conclusão); *Será ignorante o clero?*, por J. M. B. Valente. SECÇÃO SCIENTIFICA: *O artigo 7.º diante da razão e do bom senso, ou as contradicções do Snr. Julio Ferry*, pelo P.º Felix (continuação). = SECÇÃO CRITICA: *Exame critico de um mau livro*, pelo P.º Chrispim Caetano Ferreira Tavares (continuação); *Coisas! Coisas!*, por um vimaranense. = SECÇÃO HISTORICA: *Frades vimaranenses illustres*, pelo P.º Antonio José Ferreira Caldas (continuação); *A collegiada de Guimarães*, pelo P.º Abilio de Passos (continuação). = SECÇÃO LITTERARIA: *Victor, ou Roma nos primeiros tempos do Christianismo*, pelo P. F. Gay, versão do P.º Lima (continuação). = RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas. = SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA, por F. de Guimarães.

GUIMARÃES 15 DE MARÇO DE 1881

Secção Religiosa

O DINHEIRO DE S. PEDRO

IGNACIO I, CARDEAL PRESBYTERO DA SANTA EGREJA ROMANA, DO TITULO DOS SANTOS NEREO E ACHILLEO, PATRIARCHA DE LISBOA, ETC.

(Conclusão do n.º 8)

Ao Reverendissimo Cabido, Parochos, Clero e mais fieis do Patriarchado, da Prelasia de Thomar, e do Priorado do Crato, saude e benção em Jesus Christo Nosso Divino Salvador.

Vós bem sabeis que o DINHEIRO DE S. PEDRO é uma instituição santa e providencial, creada em tempos de muita fé e d'uma crença viva e immensa, para socorrer a Egreja em tempos de crise e pobreza, em dias de provação, como são estes desditosos em que vivemos.

Mais de dez seculos de existencia tem atravessado esta bella e admiravel criação da piedade christã e de dedicação á Santa Sé, e sempre pura como a caridade que a gerou; — santa como a Egreja a quem soccorre: — sublime e generosa como a fé que inspira, alimenta, conserva e perpetua atravez dos seculos. Grandioso, como o fim a que se destina, o DINHEIRO DE S. PEDRO tem em vista assegurar ao soberano Pontífice, por meio de contribuições voluntarias, a independencia de seu augusto e supremo ministerio. D'antes só mirava a pôr em suas Mãos Sagradas os meios de prover ás necessidades da

grande familia christã, agora porem, ainda se eleva e ennobrece mais o seu destino, porque alem d'aquelle fim, livra tambem o Pontificado d'uma vergonha enorme.

Os homens impios não miram a outro fim senão a extinguir o Pontificado ou deshonorar-o pelo crime. Não querem ouvir esse pregão de verdade e justiça que sae do Vaticano e é a condemnação do erro e da iniquidade; — querem que emmudeça essa voz incorruptivel que anathematiza o crime e alenta a virtude; por isso é que o patrimonio de S. Pedro, a mais antiga e legitima propriedade da Europa e do mundo; — a expressão mais elevada do direito; — a applicação mais augusta e veneranda da justiça; — a consagração mais bella e grandiosa da propriedade — foi tirada ao Papa. E o patrimonio de S. Pedro era para o Vigario de Jesus Christo a maior garantia de sua independencia e o maior sustentaculo de sua dignidade suprema.

Com esse bocado de terra sagrada e livre Elle cingia na mesma frente a tiara de Pontífice e a coroa de Rei; o sceptro dava mais força ao baculo; porem o baculo de Pastor supremo fazia mais brilhante de gloria e mais cheio de grandeza e magestade o sceptro de Rei. Com o patrimonio de S. Pedro o Chefe Augusto da Egreja Catholica governava livremente toda a sociedade christã e providenciava ás suas necessidades. Hoje, porém, Amados Filhos, O Papa só vive das esmolos dos fieis, dos obolos de caridade que se reúnem no DINHEIRO DE S. PEDRO, que é o seu unico patrimonio, o seu unico thesouro, o erario da christandade, para acudir ás necessidades da Egreja em todo o

mundo. «E' bem justo, pois, como bem diz o venerando Arcebispo de Tours a este respeito, que todos os catholicos contribuam por algum sacrificio á sustentação e conservação d'esta grande Sociedade que se chama Egreja fundada por Jesus Christo, á qual nós todos temos a honra de pertencer, que nos fortifica e nos consola sobre esta terra d'exilio, preparando-nos a felicidade d'uma vida melhor...

«Poderemos nós, sem nos tornar culpados do crime d'ingratidão abandonar esta Santa Egreja, nossa Mãe, nos tempos de sua maior penuria? A honra christã acaso nos permite deixar victima de miseraveis embaraços de dinheiro o magnanimo Pontífice que, para salvar a independencia da Religião, recusou as ricas dotações que lhe foram offerecidas? Penetremo-nos como Elle da dignidade do nome christão e saibamos defendel-o a preço d'algumas ligeiras privações...

Na verdade, Carissimos Filhos, o que se vos pede, não é uma parte notavel da vossa fortuna, nem sacrificios onerosos de vossos haveres, nem ainda mesmo o que julgaes preciso para o vosso bem estar; basta que tireis alguma coisa do vosso superfluo, do que muitas vezes se gasta mal e não poucas peccaminosamente com damno da vossa alma, e da vossa saude. N'esto seculo de dissipações, de luxos desenfreados e degradantes, de prodigalidades condemnaveis, será muito pedir uma pequena esmola para assegurar a honra da catholicidade e a liberdade e independencia do Nosso Pae Espiritual? O que se vos pede? Um dinheiro, uma moeda de pouco valor que seja, ella

significa a confissão da vossa fé e o testemunho de dedicação ao Vigario de Jesus Christo, ao Representante de Deus na terra. O que tem merecimento aos olhos de Deus não é tanto o valor do que se dá, mas a vontade com que se dá, por isso mereceu ser louvada a pobre viuva do Evangelho.

Ninguém por mais pobre que seja, Amados Filhos, se deve julgar desobrigado de dar alguma coisa para o Soberano Pontífice. E' seu Pae, é seu Pastor. E' o Vigario de Jesus Christo, o Representante de Deus. O pequeno obolo que se lhe dá por uma admiravel economia da Providencia torna-se um dos mais uteis apoios d'esta independencia sagrada do Soberano Pontífice, d'esta independencia que nunca deve acabar, porque ella é a suprema defeza da verdade e da liberdade das consciencias, como diz um sabio e illustre autor

Vós não tereis esquecido, Carissimos Cooperadores, as instrucções que vos demos na Nossa Carta Pastoral de 20 de Janeiro de 1879 e vos ordenavamos que fizesseis dois peditórios para o Santo Padre, nas duas maiores solemnidades do anno, que instituísseis comissões para colher donativos e que em cada Egreja houvesse um cofre com a indicação—DINHEIRO DE S. PEDRO.

Agora porque parecem não ter dado os resultados desejados, a nomeação de comissões, achamos mais conveniente que fundeis associações com o titulo que bem vos parecer, mas com o fim de colher donativos e esmolas para o dinheiro de S. Pedro. Estabelecei uma pequena mensalidade ou annuidade para cada associado, e promovei os donativos extraordinarios, que poderdes obter.

Pela lista que vos enviamos podeis formar as necessarias e dirigir a manei-
ra da subscrição para o Santo Padre, enquanto vos não dermos instrucções mais desenvolvidas.

Muito vos recommendamos, Amados Cooperadores, esta pia obra e havemos de ter em conta de bom serviço o zelo que em seu favor tiverdes. Todos os seis mezes nos enviareis noticias circumstanciadas d'esta necessaria instituição, para serem devidamente publicadas e honrosa menção a quem a merecer, assim como não pouparemos considerações que estiverem em Nosso poder aos que se avantajarem em zelo n'esta Santa Crusada. Das esmolas que houverdes colhido até ao presente, fareis a devida remessa ao Ex.^{mo} Thesou-
reiro, D. Antonio de Carvalho Daun e Lorena (Rua Direita de S. Vicente n.º 2), até o dia 6 de Janeiro proximo. Aos Reverendissimos Vigarios da Vara recommendamos especialmente esta obra e queremos que façam cumprir estas

instrucções em seus districtos. Muito confiamos de seu zelo e piedade, e da sua illustração esperamos o bom resultado da obra que com tanto interesse recommendamos.

Esta Nossa Carta Pastoral depois de devidamente registada, seja enviada a todos os Reverendissimos Parochos e mais pessoas a quem competir para ser lida á estação da missa conventual no dia festivo immediato ao da sua recepção e todas as vezes em que se houver de fazer o peditório para o DINHEIRO DE S. PEDRO.

Dada em Nossa Residencia Patriarchal de S. Vicente de Fora sob o Nosso Signal e Sello das Nossas Armas aos 15 de Dezembro de 1880.

Logar do ✕ sello

Ignacio, Cardeal Patriarcha.

Monsenhor Joaquim da Silva Serrano,
Secretario.

SERÁ IGNORANTE O CLERO?

O clero é ignorante, e inimigo declarado das luzes e da sciencia—tal é uma das graves accusações que a impiedade dirige hoje contra o clero. Mas será verdadeiro o seu argumento? E' o que vamos mostrar em poucas mas documentadas palavras.

Os livros santos, fazem um magnifico elogio da sciencia, quando nos dizem que ella, é o *apanagio da Divindade. Deus scientiarum Dominus est.* Ora, a quem está confiado o deposito da sciencia?—Ao clero—*Sabia sacerdotis custodient scientiam.* Os successores dos apóstolos tem-n'a abençoado, cultivando-a. Os Padres da Egreja proclamaram a utilidade da sciencia, e a maior parte d'entre elles foram ao mesmo tempo, grandes santos, profundos sabios, habeis philosophos, eruditos theologos e eloquentissimos oradores. Para prova d'esta asserção, bastará citar os nomes de Clemente d'Alexandria, S. Basilio, S. Gregorio Nazianzeno, S. Jeronymo, S. Agostinho, S. João Chrysostomo, S. Thomaz d'Aquino, Origenes e Tertulliano. Desde os primeiros seculos da Egreja, só o estudo da theologia, deu um grande desenvolvimento ás facultades do espirito, e as controversias religiosas imprimiram na razão uma direcção util á cultura e ao desenvolvimento da sciencia.

Quando o imperio romano se deslocava, todos os conhecimentos humanos ficariam aniquilados com a queda do colosso, se as luzes da sciencia, não tivessem sido conservadas pelos discipulos e apóstolos de Christo.

N'esta noute universal, Gregorio de Tours escrevia a historia contemporanea;

Salvino delineava uma eloquente pintura das desgraças de que fora testemunha.

E na verdade, quem foi que conservou o fogo sagrado da sciencia—quando milhares de hordas selvagens, cahiam sobre as ruinas do imperio romano, arrazando e aniquilando tudo? Quem foi que engrandeceu e desenvolveu os diversos ramos da sciencia n'essa quadra calamitosa?

A Egreja; foi ella que organizou a escola modesta d'aldeia que, ainda que em apertado circulo, diffundiu as primeiras noções da civilisação, como tambem as sumptuosas universidades, esses verdadeiros e invenciveis baluartes, contra os quaes se quebraram as ondas encapelladas dos povos que traziam por lemma a barbarie com todos os seus horrores e tyrannias. Ella, a Egreja, procurou desde a sua fundação illustrar o filho do rei, mas não descuro a educação do filho do pobre jornalista, pelo amor de Deus, não pelo ganho sordido, como os sophistas e rhetoricos do mundo antigo. Instrução para todos; tal tem sido sempre o desejo e a mira do Christianismo.

O Abbade Guibert de Nogent dá testemunho que não havia aldeia onde não existisse uma escola.

O christianismo penetrou tão profundamente as linguas indo-germanicas, que a um christão se torna impossivel identificar o seu pensamento com um Democrito, Aristippo, Epicuro, e outros. Condoreet desesperava de poder formar uma lingua scientifica e atheista, tanto o christianismo havia infecionado a linguagem.

A Egreja foi sempre o deposito da sciencia; para provarmos esta asserção basta analysarmos a historia ecclesiastica do nosso querido Portugal, e em cada pagina dourada encontraremos provas de sobejo.

Nos primeiros seculos da Egreja, o clero portuguez mostrou a sua cultura e educação litteraria; e nos principios do quarto seculo vemos alguns bispos lusitanos darem boa fama de Portugal, no Concilio Eliberitano. Já n'esses tempos um luzitano cingiu a Theara; foi S. Damaso, natural de Guimarães, Pontífice de muitas virtudes e lettras, foi eximio theologo e no mesmo tempo cultivou a poesia.

Outro escriptor não menos illustre se encontra n'esses tempos remotos; é S. Martinho, Bispo de Dume e Metropolitano de Braga, e auctor de varios tratados sobre a reforma dos costumes.

Por este santo Bispo, foram convertidos os suevos, e o seu rei Theodormiro.

Vieram depois os godos, e as lettras foragidas encontrarão sempre abrigo em Portugal. Paulo Osorio, as cultivava,

consagrando-se á Theologia e á Historia. Era este escriptor, ornado de tanta sciencia e virtude, que o eximio Doutor da Egreja S. Agostinho lhe chamava *incansavel heroe* do Clero Portuguez.

Um seu patricio, chamado Avilo, foi tambem doutissimo.

Temos enfim para remate dois grandes Bispos, um Idacio, Bispo de Chaves, que deixou um tratado de historia onde dá noticia dos principaes acontecimentos do imperio romano n'um periodo de 86 annos; e o outro S. Fructuoso, Arcebispo de Braga, abalizado, eximio e doutissimo nas sagradas letras, como se póde ver na sua Reforma Monastica.

Depois dos godos, foi Portugal invadido por multidões immensas de sarracenos, e apesar d'isto, a Egreja foi sempre o deposito da sciencia.

D. Paterno, Bispo de Coimbra estabeleceu um Seminario na sua Cathedral, exemplo que seguiram as demais cathedraes, e começaram a abrir escolas.

Isidoro Pacence, Bispo de Beja escreveu uma historia, que é olhada com muito credito e auctoridade.

Depois da libertação de Portugal nos plainos d'Ourique por El-Rei D. Afonso Henriques, não deixaram as letras de ser cultivadas, e, apesar das continuas guerras com os mouros, o clero nunca deixou de estudar e ensinar.

Fundando o inelyto Alfonso Henriques, o Convento de Santa Cruz de Coimbra, e confiando-o aos Conegos Regrantes de Santo Agostinho, desde logo estes começaram a ensinar publicamente, grammatica, logica, theologia e medicina. S. Fr. Gil frade de S. Domingos foi insigne medico, theologo e chimico.

Alguns annos depois apparece em Portugal essa luminosa luz que foi o assombro de Italia e da França, pela grande sciencia que possuia. Fallo do nosso grande Thaumaturgo S. Antonio de Lisboa. Entre as grandes obras que escreveu o nosso santo, torna-se notavel a sua *Interpretatio mystica in Sacrum Scripturum*.

Approximando nos mais da nossa epocha encontramos no reinado de D. João IV o grande classico P. Antonio Vieira honra e gloria do seu tempo, que ainda hoje é admirado por nacionaes e estrangeiros.

E que diremos tambem do grande P. Manoel Bernardes, cuja vida foi um apanagio continuo de virtude e sciencia?

Por ultimo não devemos esquecer o nosso para sempre chorado Fr. José Agostinho de Macedo, varão insigne em todo o genero de litteratura, orador e poeta de tão prompto engenho

que logo respondia em verso a qualquer pergunta.

Que frade este!

(Continúa).

J. M. R. VALENTE.

Secção Scientifica

O artigo 7.º diante da razão e do bom senso, ou as contradicções do sr. Julio Ferry.

Pelo Revd.º Padre Felix

(Continuação)

TERCEIRA CARTA (1)

O artigo 7.º e os direitos do Estado

Snr. Ministro

Entre todas e acima de todas as razões apresentadas para justificar, juntamente com o artigo 7.º, a confiscação da nossa liberdade de ensinar V. Ex.ª entendeu que devia pôr os direitos do Estado. E' n'elles que insiste agora, e logo, e sempre: *direitos do Estado, direitos do Estado!*

E' a palavra sacramental é a nota dominante e quasi que ia dizer: o estribillo monotonico dos vossos discursos, das vossas circulares, das vossas cartas officiaes ou não officiaes; estribillo variado em sua formula segundo as circumstancias e as situações, mas estribillo sempre semelhante a si mesmo pelo essencial: o Estado é tudo, deve estar em tudo e em toda a parte; é d'elle que vem tudo e é a elle que tudo se deve referir. O Estado é omnipotente, o Estado é infallivel, o Estado é Deus; e pela parte que vos diz respeito, vós hoje sois o seu grande sacerdote. Desde que rompestes publicamente com o Deus dos Christãos parece que tudo que recusaeis ao Deus que adoraram todos os Ferry do passado e que ainda adoram alguns Ferry do presente, ides offerrecel-o ao Estado que se tornou vosso Deus.

No vosso entender este Deus-Estado tem todos os direitos, e como tem todo o poder, tem sempre razão: tudo aquillo que elle reivindica como um direito é verdadeiramente um direito e não ha contradizel-o. Ninguem, é esta uma justiça que se vos deve, ninguem tem proclamado e celebrado mais que vós, os direitos do Estado.

E na verdade, que vós, homem de Estado, como sois, proclamaeis e reivindicaeis o que consideraeis como direitos

do Estado, nada mais conveniente e mais natural. Mas pelo menos é preciso que nos entendamos sobre aquillo a que se dá o nome de Estado, e que os direitos que se lhe attribue sejam verdadeiramente direitos. Dizer incessantemente *o Estado, o Estado*, sem definir uma só vez o que é Estado, sem se dar jámais ao trabalho de demonstrar os direitos reclamados pelo Estado, é coisa que um homem politico achará sempre muito commoda mas que o bom senso achará sempre muito illogica.

Primeiramente pergunto como é que o Sr. Ministro define esta mysteriosa potencia que colloca acima de tudo; esta potencia que tem direito a tudo, que é o principio e o fim o centro e o apice de tudo. O que é o Estado? onde está o Estado? quem é que incarna e personifica o Estado? Eu ouço dizer que o Estado é o conjuncto dos poderes regularmente constituídos para o governo de uma nação. Eu duvido que o vosso espirito se mova à sua vontade atravez d'estas formulas metaphysico-politicas e d'estas definições um pouco transcendentales cuja intelligencia escapa ao commum dos mortaes. Singulares definições das quaes o defeito essencial é não definirem cousa alguma! *O conjuncto dos poderes publicos regularmente constituídos*, etc... Isto esconde-se demasiadamente no vago da abstracção. Para nós, o Estado não pode ser uma pura idealidade.

E' preciso que tome uma forma visivel para que se veja, por que se por acaso eu, como cidadão, tiver com este senhor omnipotente que se chama Estado alguns dares e tomares, é de toda a necessidade que elle se concrete e encarne em alguém para que eu possa dar com elle. Importa pois soberanamente saber, sobre tudo na questão que nos occupa, quem é o Estado, quem personifica o Estado; para reconhecê-lo queremos, além de uma forma que se possa tocar e abranger, a indicação dos nomes proprios. Como se chama o Estado na Republica franceza de 1880? Vós dir-me-heis: Nada mais facil de saber; observae attentamente as diversas espheras em que se movem os poderes regularmente constituídos, cujo conjuncto forma o que se chama Estado.

Assim, actualmente, na respectiva esphera em que elles funcçionam, o Estado é o Sr. Grevy, o Estado é o Sr. Gambetta, o Estado é o Sr. Lepère etc. E na repartição dos negocios publicos que tendes a vosso cargo, principalmente na questão que n'este momento poem a França em expectativa, não podereis deixar de dizer: *O Estado, a fallar a verdade, sou eu*. Eis aqui o que é definido.

Na parte que tendes de governar como ministro, o Estado sois vós; vós

(1) A carta antecedente que sahio como terceira deve ser a segunda.

sois o Estado e até o sois um pouco mais do que o fora o rei que proferiu a famosa palavra: «O Estado sou eu!» Por que quando Luiz XIV ainda moço, arremessava ao parlamento, um pouco rude diante de suas vontades este repente soberbo, não dispunha, para afeiçoar à sua imagem a alma franceza, da omnipotencia que os nossos parlamentos democraticos irão por talvez em vossas mãos republicanas.

Em todo o caso elle não se inculcava por um liberal discipulo do futuro 89. Herdeiro de uma monarchia tradicional recebida por toda a França entendia lá consigo que era o senhor: havia n'isto alguma logica e até alguma grandeza. Mas esta palavra: *O Estado sou eu!* nos labios de um ministro republicano em 1880 produz, deixae-me que voi'-o diga, um som singularmente discordante.

Como quer que seja, eis aqui o que fica entendido: o Estado desembarçado das nuvens da abstração e transportado ao dominio da realidade, o Estado é um homem ou homens, homens vivos, homens de quem podemos dizer os nomes, ver os semblantes e conhecer os costumes. A abstração desvanece-se, só a realidade fica: o Estado são homens como todos nós simples mortaes; homens que seguramente podem ter todas as qualidades e todas as grandezas, mas tambem, todos os defeitos e todas as fraquezas da humanidade. D'aqui vem a imprudencia e o perigo de outorgar a estes alguns homens que personificam o Estado, direitos cujo uso pode tornar-se fatal a uma nação inteira e cuja legitimidade, em todo o caso, seria necessario que se provasse.

Ah! se o Estado personificado em alguns homens devesse ser sempre e por toda a parte semelhante a si mesmo: se elle fosse necessariamente sempre bom, sempre virtuoso, sempre conservador; sobre tudo se, mesmo sem o crer inteiramente Deus, se podesse julgal-o sempre infallivel: oh! então eu o compreendo, não haveria grande perigo em reconhecer-lhe e outorgar-lhe mais direitos que os que lhe vem de sua natureza e de sua missão; e de commum accordo, os paes de familia poderiam, sem se comprometterem demasiado e sem grande perigo para a patria desembaraçar-se, sob a responsabilidade do Estado, do encargo de ensinar seus filhos. O Estado sempre o mesmo, sempre irreprehensivel, sempre infallivel, justificaria por todos estes titulos a confiança e a delegação paternaes.

Mas será isto assim, realmente? Porventura o Estado, o Estado real e vivo será sempre identico a si mesmo? Sob a Realza tradicional ou constitucional temos o Estado; sob o Imperio liberal ou sob o Imperio despótico temos o Esta-

do; sob a Republica conservadora ou revolucionaria temos o Estado: n'uma palavra, sob um regimen qualquer, absoluto ou liberal, clerical ou anti-clerical, protector ou perseguidor da religião, que protege o padre ou que o repelle, temos o Estado. Pois bem! o Estado n'estas situações e debaixo d'estas diversas formas será sempre e necessariamente o mesmo? poderá e deverá sempre inspirar-nos a mesma confiança? Desde a mudança de Estado que inaugurou entre nós a era tormentosa e inconstante de nossas revoluções, quantos nomes tem havido para designar o Estado? e em quantos homens diversos o temos visto personificado? Quando o Estado deixou de chamar-se Luiz XVI como se chamou logo depois, ninguem o ignora. E desde então até hoje por quantas encarnações e metamorphoses tem passado entre nós este Deus-Estado que se teima em crer sempre o mesmo e que se pretende sob todas estas formas tão diversas, dotar dos mesmos direitos e investir da mesma omnipotencia!

(Continúa).

Secção Critica

EXAME CRITICO DE UM MAU LIVRO

(Continuação)

S. Boaventura está em perfeito accordo com Santo Thomaz.

O Doutor Seraphico depois de referir as objecções dos emanatistas responde assim: «Segundo a Sagrada Escriptura o homem foi creado à imagem e similitude de Deus: essa imagem e similitude não está no corpo, mas na alma: logo a alma do homem foi creada: logo não foi tirada da natureza ou substancia de Deus.

Mais. Se a alma é da natureza de Deus, sendo a alma parte do homem, a natureza de Deus entra na constituição do homem: mas a parte é menos nobre que o todo: logo Deus é menos nobre, do que o homem: mas dizer isto é dizer uma falsidade e uma impiedade: logo a alma não é da natureza de Deus.

S. Boaventura apresenta ainda varios argumentos philosophicos encaminhados a mostrar quanto é absurda a opinião dos que affirmam que Deus communicou ao homem alguma cousa de sua propria substancia e conclue mostrando que o versiculo 7 do capitulo 2.º do Genesis não prova o que os emanatistas querem. Eis suas proprias palavras: «Ad illud vero quod objicitur, quod inspiravit in faciem, et cetera. Dicendum quod inspirare idem est ibi quod spiritum facere, et factum corpori in-

fundere. Unde sicut quando Deus res produxit verbo, non fuit ibi vox materialis: sic quando insufflavit, non fuit mediantibus faucibus, et instrumentis corporalibus. (Sancti Bon. op. tom. IV, ed. de Roma de 1589, pag. 239; in lib. II sent., sent. XVII).

Do que deixamos dito claramente se vê que os Santos Padres e os Doutores escolasticos condemnam unanimemente a doutrina dos que sustentam (como se sustenta no livro que estamos examinando) que no homem ha alguma cousa da *propria substancia de Deus*.

Esta mesma doutrina emanatista está em desharmonia com a doutrina da Igreja. Com effeito a Igreja ensina expressamente que todas as creaturas, incluindo a alma humana, foram por Deus creadas do nada. «Cremos firmemente, dizem os Padres do 4.º Concilio Lateranense, cremos firmemente e francamente confessamos que ha um só verdadeiro Deus, creador de todas as cousas visiveis e invisiveis, espirituaes e corporaes, que por seu poder omnipotente desde o principio do tempo criou do nada (note-se) uma e outra creatura junctamente, a espiritual e a corporal, isto é, a angelica e a mundana e depois a humana quasi commum, *formata de espirito* (note-se) e de corpo: *Formiter credimus et impliciter confitemur quod unus est solus verus Deus, creator omnium invisibilium et visibilium, spiritualium et corporalium, qui sua omnipotenti virtute simul ab initio temporis utramque de nihilo condidit creaturam, spiritualem et corporalem, angelicam videlicet et mundanam, ac deinde humanam quasi communem, ex spiritu et corpore constitutam* (Conc. Lat. IV., c. I Firmiter: veja-se tambem o Concilio do Vaticano, const. *Dei Filius*, c. 1).

Deve portanto rejeitar-se a interpretação erronea e heretica que no livro que estamos criticando se dá ao versiculo 7 do cap. 2.º do Genesis. No homem não ha cousa alguma de substancia divina. Affirmar o contrario é affirmar um erro monstruoso contrario à razão e à fé.

Nas paginas (além de outras) 122, 123 e 235 do livro que estamos examinando se procura fazer crer que entre a alma e o corpo ha um *vinculo* que os une. Isto é um erro contrario à razão e à fé.

Este erro provem da falsa crença que tem o auctor do dito livro de que a alma e o corpo são duas substancias completas, e de que sua união é accidental: tudo isto é absurdo, erroneo e heretico.

Não, o homem não é um composto de duas substancias completas, mas sim de duas substancias parciaes, a saber, o corpo e a alma racional.

A união entre a alma e o corpo não é accidental, mas sim substancial e immediata.

«A alma, diz Santo Thomaz, é unida ao corpo *immediatamente*, e não se deve imaginar vinculo algum para operar esta união, quer esse imaginado vinculo seja uma imagem, como diz Averrhões... quer um espirito corporal, como o pretenderam outros.»

(Continúa).

P.º *Chrispim Cuetano Ferreira Tavares.*

COISAS! COISAS!

Lê-se nas *Missions Catholiques* de 24 de setembro o seguinte facto que bem mostra a sem razão dos que não cessam de clamar contra os frades, como ignorantes e retrogradados.

Mgr. Cosi dos Menores Observantes, Bispo de Priene *in partibus* e Vigario Apostolico de Chan tong na China, inventou um novo alphabeto composto de 33 letras, por meio do qual todos os sons da lingua china podem ser claramente enunciados, em vez dos trinta mil que antes eram necessarios.

Sua Magestade o Imperador Francisco José d'Austria a quem Mgr. Cosi communicou a sua invenção, presenteou sua Grandeza com um aparelho typographico completo, para poder fundar uma imprensa propria para propagar o seu novo alphabeto.

Todavia, ordens religiosas... *fôra, fôra*, dizem por ali os amigos da *liberdade!*

Ouçam um trecho de Montalembert:

«Estava um dia em Granada, e contemplava em Albacyu, o convento da rainha Santa Izabel, fundado por Izabel a catholica para commemorar suas conquistas, povoado de suas nobres reclusas, mas condemnado a fechar-se visto que a dictadura d'Espartero lhe prohibia, assim como a todos outros conventos d'hespanha, o receber noviças. Uma mulher aproximou-se para o pé de mim e explicou-me este decreto selvagem; depois, estendendo a mão para o condemnado convento, e despedindo um d'estes olhares abrazadotes que nunca se esquecem, diz, com a voz d'uma Romana e o impeto d'uma Hespanhola, estas duas palavras: «Summa tyrannia! O cumulo da tyrannia!»

Tinha razão: a tyrannia nada inventou mais oppressivo do que abafar d'este modo na alma do homem a dedicação, a pureza, a caridade. A posteridade, acreditamol-o, pela honra do genero humano. Julgará este decreto e delinirá com as duas palavras d'esta Hespanhola indignada, a politica e a justiça dos nos-

so *comediantes da liberdade* finalmente desmascarados diante d'ella.»

Certo critico moderno escreve: «Entre Leão x e Luthero não julgueis que Rabelais hesitasse um momento. Do lado do Papa estavam todas as suas sympathias; mas sob a condição todavia de que o Papa affastasse Loyola.»

O desejo de escoucear de passagem os jesuitas fez esquecer ao critico que Leão x morreu em 1521, que n'esse anno Ignacio assistia como bom soldado ao cerco de Pamplona, e que em 1534 somente fundou a Companhia de Jesus. Teria sido por conseguinte impossivel absoluto a Leão x *affustar Loyola.*

Temos por ali em barda, nos periodicos, nos romances e até nos *diccionarios populares*, muitos e muitos criticos d'esta força.

Em Londres, apesar de todos os seus progressos diz o Cardeal Manning:

«Ha centenas de milhares de pessoas, diz o illustre prelado, que não entram no templo; dezenas de milhares que vivem fóra do matrimonio; multidões que nunca foram baptisadas; familias que nunca pronunciaram o nome de Deus, e a embriaguez inebria homens e mulheres e já se communica ás crianças; o crime e o vicio em todas as suas phases sae do cerebro allucinado pelo alcool; o luxo e os excessos, a gula e o egoismo; a dureza do coração e a impudencia, rudes e refinadas, todas estas cousas estão pervertendo as classes da sociedade. E parece que estamos amadurecendo para receber o castigo, mas não nos voltamos para Deus.»

Conta-nos a *Ordem* que «a *Fraie France*, de Lille, offerce 10.000 fr. a quem provar que houve embuste e que não houve verdadeiro milagre nas recentes curas, havidas em Lourdes, das *srs. Lannoy, Tourmies, de Merville e d'Ecourt.*—E acrescenta:

Habilitem-se os impios inimigos dos milagres aos dez mil francos. Mas isso sim... elles contentam-se com declamações banaes e estultas, que é um pouco mais facil e commodo.»

Tem razão.

«O conselho municipal de Manreza (Hespanha) concedeu ao P. Fidel Fita da Companhia de Jesus o titulo de filho adoptivo da cidade pelos serviços eminentes que lhe prestou publicando noticias historicas ineditas sobre o papel heroico que Manreza desempenhou no passado. O P. Fita é tambem membro da Academia Hespanhola e da Academia d'história de Madrid.»

Certos sabiosinhos de cá, se lerem esta noticia positiva, abrirão uma bocca de palmo e meio, e depois *chiton!*...

Os *gambetteiros* estão magnificos. Entre milhares de factos que o provamahi vão dous citados pela *Ordem*:

«Ha dias, pelas oito horas, passava na rua dos *Cordeliers* (em Pariz) um cangalheiro; avistaram-no alguns vadios e começaram logo de gritar:

—Ahi vac um jesuita; fóra!

E precipitam-se sobre o pobre homem.

—Mas senhores não me façais mal, sou apenas um cangalheiro.

—Não é verdade, é jesuita.

—Não, é cangalheiro.

—Abaixo o jesuita!

—Viva o cangalheiro!

Este ultimo grito salvou o desgraçado empregado, alguns irmãos tomaram a sua defeza e a matilha lá foi uivar para outras partes.

No mesmo dia pelas 6 horas achavam-se dois professores ecclesiasticos no angulo da rua *Corneille*, quando um bando de vadios que estava estacionado na rua da *Scellerie*, tomando-os por jesuitas, começaram a dirigir-lhes grosserias. Entravam tranquillamente em sua habitação; muitos de seus amigos vendo-os em perigo, juntaram-se a elles para os acompanhar.

Então aquella horda selvagem acompanhou com provocações e insultos covardes aquelle pequeno grupo até que os ecclesiasticos se recolheram.

E eis a tão apregoada liberdade, bella liberdade que dá em resultado, apupos e insultos d'estes, contra a classe mais nobre e mais digna de respeito da sociedade.»

Cá e lá...

A matricula dos estudantes na Faculdade catholica de Toulouse é este anno superior á do passado: tem já 20 alumnos a mais.

Ainda bem!

UM VIMARANENSE.

Secção Historica

FRADES VIMARANENSES ILLUSTRES

(Continuação do n.º 7)

—Frei Estevão de S. Payo é um dos filhos mais memoraveis do berço da monarchia no patriotismo fervoroso. Recebeu o habito dominicano no convento da Ordem em Lisboa, onde se fizera eminente nas lettras e em virtudes. Por morte do cardeal rei D. Henrique, declarou se parcial de D. Antonio, prior do Crato—educado no mosteiro da Costa.—Seguiu-o sempre com dedicação e enthusiasmo, e com salien-

cia patriótica. Sendo preso por este motivo, com outros companheiros no habito fugiu com elles da prisão, dirigindo-se á cidade de Tolosa e recebendo aqui o grau de doutor em theologia, ditou-a ali com bem merecidos applausos, dando lustre e gloria a Portugal no seu magisterio. Sabendo em 1598, que em Veneza apparecera *D. Sebastião*, conforme as noticias da epocha, partiu sem demora para essa cidade, impellido unicamente pelo patriotismo, afim de certificar-se ali com os olhos do que os ouvidos escutavam na patria e fóra d'ella. Debalde procurou vêr o *recluso D. Sebastião*, apezar de se dirigir opportunamente a Marcos Quirini, um dos quatro juizes do exame d'este negocio d'estado, deputados para isso pelo senado da cidade, a instancias do embaixador de Castella, que promovera tambem a alludida reclusão. Despedindo-o Marcos Quirini asseverando-lhe serem precisos documentos authenticos de Portugal, por onde constasse que o *recluso D. Sebastião* era o verdadeiro de Portugal, vencido nos campos africanos d'Alcacer, passou immediatamente a Portugal com habitos disfarçados, para não ser descoberto pelos ministros e agentes de Castella. Informou occultamente d'este negocio os fidalgos da nossa patria e dirigiu-se em seguida outra vez a Veneza com o designio de libertar *D. Sebastião* atravez de todos os transe, que lhe podessem advir. Com tantas instancias exorou frei Estevão o senado de Veneza, que este, afinal, por intervenção do rei de França, da rainha d'Inglaterra e da republica da Hollanda—o mandou soltar da *reclusão* com ordem expressa de sahir de Veneza no mesmo dia e de todos os seus estados dentro de tres. A este libertado principe acompanhou o filho illustre de Guimarães com summa fidelidade. Chegados porem ambos a Florença, o seu duque entregou *D. Sebastião* ao rei de Castella contra todas as leis da hospitalidade e dictames da religião, seguindo-se d'aqui acabar frei Estevão a vida com violencia em S. Lucar de Barrameda a 30 d'Agosto de 1603. O desditado D. Antonio n'uma carta em francez, dirigida ao Papa Gregorio XIII, falla d'este filho de Guimarães com elogio sentimental. Sendo fr. Estevão de S. Payo muito perito na lingua latina foi incumbido pelos superiores de traduzir as chronicas da Ordem, escriptas originariamente em portuguez, o que elle levou á execução com o titulo seguinte: «*Thesaurus arcanus lusitanis gemmis refulgens*» Pariziis, apud Thomam Perier, 1586, grande medio. Deixou ainda outras locubrações impressas, entre as quaes sobresahe o «*Juramentum Regis Aldeponsi Primi Portugalliae super appro-*

batione et confirmatione visionis in Campo Auriquii» Pariziis, 1600, 4.º com oito folhas de impressão.

==Frei Gonçalo de Guimarães, religioso dominico, mestre em Theologia e insigne prégador. Morreu no convento de Guimarães em 1520 sendo amargamente chorado pelos companheiros, admiradores respeitosa das suas virtudes.

==Frei Gualter Machado, da Ordem de S. João de Rodes, filho de Manoel Machado de Miranda, morreu na India pelejando contra os Turcos com tal exorço, que serviu d'exemplo e incentivo de coragem a todos os seus companheiros.

==Frei Jeronimo de S. José, trinitario e chronista da sua Ordem. Deixou alem dos seus «*Panegiricos e Discursos*» a Historia Chronologica da sua Ordem e um appendice á mesma.

==Frei João das Cnagas, filho de Manoel Vieira, exerceu os cargos mais honorificos da Ordem seraphica. Foi commissario da corte, ministro provincial e commissario geral da Terra Santa no reino e nas conquistas. Falleceu em 1727 em Lisboa no convento de S. Francisco. Deixou impresso um opusculo nada vulgar com o titulo «*Verdadeira e individual relação, do que se tem obrado em Constantinopla, sobre a reedificação do Templo do Santo Sepulchro na cidade de Jerusalem.*» Lisboa, officina de José Manoel 1722, 4.º

==D. Frei José d'Oliveira, nasceu a 4 de Fevereiro de 1638 e morreu no convento da Graça de Lisboa a 22 de Março de 1719. Era eremita augustiniano, doutor em Theologia pela Universidade de Coimbra e eleito e sagrado bispo d'Angola. Não chegou a exercer as funcões episcopaes pelo seu estado melindroso de saude, continuando por isso a viver entre os seus religiosos. Deixou publicados varios sermões.

==Manoel de S. Damazo, frei, era franciscano da provincia da Soledade em Portugal, vestindo o habito no mesmo convento de S. Francisco a 7 de Dezembro de 1708. Nasceu a 3 de Janeiro de 1688, sendo seus paes, João de Castro e Vasconcellos e Maria Vieira de Lima. Foi nomeado prégador no capitulo de 1715 e no anno seguinte escolhido para bibliothecario do Convento de S. Francisco em Lisboa. No correr dos tempos foi successivamente nomeado secretario, custodio, chronista da provincia, visitador de custodio na ilha da Madeira e dos seminarios de Brancanes e Varatojo. Fora do claustró foi nomeado consultor da Bulla da Cruzada, e membro da antiga academia real da historia portugueza, hoje extincta e creada por el-rei D. João v. Falleceu a 22 de Janeiro de 1767.

Entre as obras que deixára escriptas avulta a *Verdade ilucidada e falsidade convencida, mostrando com evidencia ter havido na Inquizição Luzitana—contra a creença commum—dous inquizidores successivos do mesmo nome de Frei Diogo da Silva, sendo um d'elles ao depois arcebispo de Braga.* Foi publicada em folio, em Lisboa, em 1730, sendo escripta contra o dominicano Frei Pedro Monteiro na sua *Historia da Inquizição*, mereceu nos nossos dias da penna de Alexandre Herculano, elogios de sinceridade critica de polemista.

(Continúa)

P.º ANTONIO FERREIRA CALDAS.

A COLLEGIADA DE GUIMARÃES

(Continuação)

III

Até o anno 1:300 da era de Christo não era conhecida esta imagem por alguma invocação particular, até que n'esta epocha começou a conhecer-se com a de Nossa Senhora da Oliveira, tirando este nome da lenda seguinte:

Havia no começo do seculo XIV, juncto da Igreja de S. Torquato, distante d'esta cidade cinco kilometros, uma frondosa oliveira que dispensava o azeite que ardia continuamente na alampada do Santo. Lembrando-se um devoto da SS. Virgem que igual serviço poderia por ella ser prestado, arrancando-a com todo o cuidado a veio plantar em frente da porta principal d'esta Collegiada. Em tão má hora, porem, o fez que a oliveira seccou e d'esta sorte permaneceu 42 annos, até que um celebre Pero Esteves lhe collocou ao de juncto um cruzeiro, que seu irmão Gonçalo Esteves, comprando em Normandia, trouxera para Guimarães. Ainda não eram passados tres dias, e factó assombroso, senão prodigio verdadeiro, a mencionada oliveira, lançando novos rebentos se cobriu de folhagem virente e viçosa. Ao saber-se d'este milagre todos o vinham admirar e supplicando em seu favor novas graças; confiavam suas necessidades a Nossa Senhora por invocação d'aquella veneranda imagem, subindo d'aqui a estima dos fieis a tal ponto que, em pouco tempo, se tornou um dos sanctuarios de Portugal mais afamados e concorridos de romceiros.

Foi por este motivo que o Mestre d'Aviz, tendo a seu cargo o defender a nacionalidade e independencia da patria, com poucos soldados, sem armas, nem disciplina contra o exercito aguerrido dos reis d'Hispanha, superior em

numero, no manejo das armas e tactica militar; sabendo mais que d'essa batalha tinha a depender a vida ou a morte da, até ali, gloriosa monarchia d'Affonso Henriques, entregando-se cheio d'esperança á protecção de Nossa Senhora da Oliveira fez voto de, alcançada a victoria, vir em piedosa romagem a este mosteiro e, fazendo se ali pesar, offerecer á Senhora igual peso de prata em vasos sagrados e alfaias. E o dia 14 d'Agosto de 1384 foi a manifestação esplendorosa de valimento tão importante, na victoria d'Aljubarrota que, na historia portugueza, tem um brilho extraordinario, uma importancia transcendente, um valor inqualificavel.

Foi n'essa batalha que os portuguezes, alentados pela fé e avigorados pelos encantos da patria, mostraram mais uma vez a tempera de suas armas, a rigesca de seus musculos, a valentia de seus peitos, pois cada braço era uma lança, cada peito era um arnez e cada corpo era um baluarte, mas uma lança de ferro, um arnez d'aço e um baluarte inamovibel porque Deus e a patria reforçavam esse braço, animavam esse peito, seguravam esse corpo. Tanto assim que, D. João I, cumpriu rigorosamente o voto que tinha promettido e ante o altar de Nossa Senhora da Oliveira despiu o *pelote* que trouxera em tão memoravel dia e collocando-lh'o em cima mostrou d'esta sorte, a todos que o contemplavam, que despia de si todo o orgulho da victoria que só attribuia ao valimento d'Aquella que lhe dirigira o braço. E' d'esta recordação que restam na Collegiada o afamado *pelote* e um altar magnifico, todo chapeado de prata, que ficára entre os despojos da victoria.

D. Affonso v lhe dispensou novas concessões, melhores privilegios e mais avantajados rendimentos.

No ecclesiastico não tinha menor importancia, pois foi sempre immediata aos Summos Pontifices, tendo o D. Prior jurisdicção de Prelado nos seus dominios e, depois de varias disputas com os Arcebispos de Braga, vieram a um accordo que confirmou o Papa Honorio, e era do theor seguinte: «Que os priores fossem prelados ordinarios da Igreja de Guimarães e tivessem jurisdicção nos beneficiados e clerigos d'ella como a tem os Bispos e somente reconhecessom aos Arcebispos de Braga como Metropolitanos, etc. etc. . . »

Pelo correr do tempo foi perdendo esses privilegios e exempções, até que em nossos dias, ainda existe n'um estado bastante glorioso mas, que perderá em breve se a Nação a deixar cahir no olvido.

IV

Já se vê, pois, de todo este arrasoado sem forma, nem aspirações a ella, a alta importancia em que sempre foi tida esta Egreja, d'onde se deve deduzir naturalmente a sua distincção especifica entre as demais e o seu merecimento verdadeiro como monumento historico, religioso e nacional.

Como, porem conserva-se sem a existencia da Collegiada? como supprir as despesas extraordinarias d'uma fabrica descommunal? como vigiar cuidadosamente pela sua conservação? como fazer a passar através dos seculos, em que as gerações leiam em cada uma das suas pedras o seu viver glorioso?

Se a civilisação tende a conservar os monumentos importantes, se o progresso carece de marcos milliaros a attentarem a sua passagem, se os homens necessitam da sciencia do passado para viverem no presente e se acautelarem no futuro, conserve-se esta Collegiada, ella preenche a todos estes requisitos, tem rendimentos proprios, muito seus, dados por quem podia e queria, o estado não precisa de seus haveres, bem como ella não necessita dos do estado. Se não presta os serviços, que poderia prestar, deem-lhe um novo regimen, mas conservem-a.

Permittam-me os poderes publicos a enunciação d'uma idea que varias vezes tem sido apresentada, mesmo nos jornaes, e que me parece estar desenvolvida em representações particulares d'alguns benemeritos filhos d'esta terra.

Torne-se d'ella um lyceu de segunda classe, nomeiem para algumas das Cadeiras vagas beneficiados com obrigação do ensino das disciplinas que constituem o quadro d'aquelles lyceus, e d'esta sorte lucra o estado por que tem uma casa d'instrucção publica que não paga, lucram os povos visinhos por que tem mais á mão onde colhem o ensinamento de seus filhos, lucra a civilisação por que tem mais um foco de luzes a espancar as trevas da ignorancia, lucra Guimarães por que sobe na consideração publica e lucra o culto, pois em parte alguma se celebram as solemnidades da nossa crença com a pompa, esplendor e magestade, que todos ali admiram.

Sua Ex.^a R.^{ma} o Snr. D. João Chrysostomo quando honrou esta Collegiada com a sua visita e n'ella fez pontifical ficou extasiado da maneira por que n'este recinto sagrado eram celebrados os mysterios divinos, da harmonia das vozes, dos merecimentos das alfaias, em quanto a valor e estimativa e a decencia do sanctuario.

Não deixem, pois, tornar-se um montão de ruinas, esse monumento que, extincta a Collegiada, em breve vere-

mos desmoranar-se ao nascer da hera por suas humidas paredes e ao apodrecer da madeira pela impossibilidade de reparos para tamanho edificio. Não consentam que as gerações que estão a vir, creadas á sombra das tradições gloriosas e da sumptuosidade d'este sanctuario lancem o anathema de desmazelamento sobre quem presidiu aos destinos da patria. . .

Sinto um profundo pesar por ver que esta destruição, que se não for contida, em breve se observará, tem dous pontos que serão o ferrete ignominioso d'esta epocha: o primeiro nasce de tudo que ali se vê de *Desamortisações, supressões e extincções* das Igrejas, monumentos e associações religiosas ser feito, não por um Atila ou Alarico, mas em nome da representação parlamentar do povo portuguez; o segundo nasce, de tudo isto ser, nos effeitos, uma parodia vergonhosa de todos os cataclysmos sociaes da revolução e do protestantismo.

Tudo que deixo dicto é filho das minhas convicções e da minha magua, não mira a interesses de qualidade alguma, não é por sugestões d'este ou d'aquelle, não é por odio a tal ou qual partido, pois já pela imprensa o declarei outra vez—vivo completamente alheio a todas as divisões que separam os portuguezes, tenho um partido—é o do Evangelho, tenho um balseo—é o de Christo, tenho uma auctoridade absoluta que me governa pelo seu representante n'esta Archidiocese—é a do Papa, chefe visivel da Igreja, de que, ainda que muito indigno, me honro de ser ministro.

P.º ABILIO A. DE PASSOS.

Secção Literaria

VICTOR

OU

ROMA NOS PRIMEIROS TEMPOS DO CHRISTIANISMO

PELO P. F. GAY

Tradução do Padre Lima

CAPITULO III

Um assassinato de Nero

(Continuado do n.º 8)

Em frente da Casa d'Ouro havia um lago e em roda d'elle diversos edificios, que faziam crêr, ser isto mais uma cidade que palacio. Entre a fachada e o lago ficava o vestibulo, no qual o imperador fazia esperar seus clientes, isto, é, todos os povos do mundo; e diante

d'este se elevava a estatua colossal de Nero. Esta era de prata e ouro e tinha a pasmosa altura de 39^m,60! Mais além se estendiam os porticos, de uma milha de largura, e rodeados de tres ordens de columnas marmoreas e altissimas.

As paredes interiores eram todas recamadas de laminas d'ouro e cravejadas de brilhantes, conchas e perolas. Os banhos recebiam por um aqueducto agua do mar, e por outro as aguas sulfureas d'Albula. Mas o primor dos primores era o esplendidissimo templo da Fortuna. (Nero devia tanto a esta falsa divindade!). Era todo formado de pedra de *sphinge*. Vinda da California, dura como o granito, alva como a neve e transparente, ainda sob os veios dourados que a sulcavam, esta pedra finissima tinha a propriedade de attrahir a luz e fulgarava mesmo depois de fechadas as portas do templo.

As salas de jantar tinham os tectos artezoados e moveiços para mudarem de forma e de aspecto quando se quizesse. Havia-os de marfim com formosissimos festões de flores, e outros pintados a symbolizar o firmamento de tal maneira que giravam de dia e de noite imitando o curso dos astros.

Fóra do edificio havia lagos, imensas planicies, vinhedos e pradarias, e lá ao longe a espessura sombria e a tranquilla solidão dos bosques, não faltando n'este universo em miniatura alguns gamos saltando e pequenos rebanhos que pastavam.

Nero apoderou-se d'este extensissimo terreno, quando incendiou Roma, e diz-se que ao entrar n'este sumptuosissimo palacio, dissera muito satisfeito:

—Até que enfim vou viver como um homem!

Tal era o edificio imperial onde se apresentou Flavio Sabino, levado n'uma liteira por seus escravos, como o exigia a etiqueta d'aquelles tempos.

—Sabino, disse-lhe o imperador, accusam-te de seres christão, isto é, inimigo do imperio? E' verdade?

—Não, Cesar, eu não sou christão, respondeu Sabino, sem manifestar medo nem altivez. Enganaram-te, Cesar.

—Porque é, então, que defendes esses sectarios?

—Só por um sentimento de equidade. Confrange-se-me o coração ao vêr cahir passados á espada, ou dilacerados pelas feras tantos homens, em quem não vejo crimes, e tantas donzellas d'uma vida illibada e irreprehensivel. Não me importa porém, nem trato de indagar se são ou não christãos.

—Mas os christãos são criminosos; incendiaram Roma.

—Não é agora occasião, Cesar, de averiguar a verdade. Mas concedendo de barato que o seja esses já não existem; que o digam teus jardins e teus

porticos. Relativamente aos demais permitte-me observar, que se são tão criminosos, é para admirar o entregarem-se á morte com uma esperança e um jubilo do qual todos tenho visto dar inequivocas provas.

—Sabino, (disse Nero procurando dissimular seu odio, pois o havia ferido o tom ironico do patricio), estás fallando como um inimigo de Roma!

—O Cesar sabe perfeitamente que Roma não tem maior amigo nem defensor mais acerrimo do que eu. Senão que o diga a minha vida de guerreiro e de cidadão.

—Pelos manes d'Augusto! exclamou Nero, que havia reprimido apparentemente seu primeiro impeto de raiva. Boa resposta! Fico convencido, Sabino, que teus accusadores se enganaram ou então tentaram malquistar me contigo. Sabino, conta commigo; o Cesar não te olvidará!

Flavio Sabino abandonou o palacio de Nero; elle, porém, conhecia bem o imperador e tanto que ao retirar-se disse lá para consigo:

—Effectivamente, não *me olvidará*; bem posso ir-me preparando para morrer.

E sem trepidar consentiu interiormente no seu sacrificio.

Depois que chegou ao seu palacio, mandou chamar seu filho e assentando-o sobre seus joelhos, lhe disse:

—Victor, estão para acontecer nos grandes consas. Talvez até me verei forçado a deixar-te. Antes, porém, que isto succeda quero conversar contigo e dar-te os meus ultimos conselhos.

E o filho, todo assustado, escutara-o com as lagrimas nos olhos.

—Olha, quando eu já não viver... na tua companhia, não esqueças nunca os conselhos, que sempre te tenho dado. Alguns que te dei na infancia talvez os não comprehendesses bem; hoje, porém, que já estás mais crescido e

mais amestrado, aproveitar-te-has d'elles muito melhor que então. Nasceste n'uma epocha perigosissima, Victor: as

virtudes romanas desapareceram. A virtude, porém, não é uma palavra varia de sentido: vem do céu e conduz

ao céu. Se a virtude tem de conservar-se em alguma parte, deve ser no coração d'aquelles que, herdeiros das nobres familias de Roma, estão obrigados a perpetuar as grandes tradições,

que andam como vinculadas aos seus appellidos. Eu sei muito bem meu filho, que estas nem sempre bastam. Ai! Eu sei muito bem, que para se ser virtuoso é necessario não attender só a

estes motivos de considerações puramente terrenas; mas eu não conheço outros, e isto é o que me entrista e

afflige... Estamos talvez em vespas de uma grande revelação da verdade

religiosa?... Eu com certeza a não vejo, mas tu... espero que has de ser testemunha d'ella. Ah! Se chegares a conhecê-la, praza aos céos! ao menos, recebe-a com docilidade e amor! Se eu morrer, não penses em vingar-me; os christãos ensinaram-me outra coisa muito melhor que a vingança... Peço-te somente, que não me olvides. Ha-de vir um dia, meu filho, em que nos tornaremos a vêr; sim, posso affiançar-t'o... o materialismo romano não pôde ainda roubar-me a certeza da minha immortalidade. Deixo-te um grande nome com uma grande fortuna; apesar de reconhecer que nem esta especie de bens podem patrocinar nem defender actualmente aos que os possuem. Não finques n'elles tua esperança, meu filho, não confies senão nos deuses... nos deuses! não... só em Deus... que não ha nem pode haver mais que um... e nas boas obras que praticares.

Ao pronunciar estas palavras, Sabino osculou seu filho, e estreitando-o contra seu coração começou de derramar lagrimas. O menino, impressionado por esta acção do pae, mas muito longe de comprehendê-la, chorou também.

Assim decorreram alguns instantes. Depois o patricio levantou-se para retirar-se, mas voltando-se de novo para o filho, acrescentou:

—Não te has de esquecer tambem da tua mãe, a quem não conheceste, mas a quem te ensinei a amar. Nunca te esqueças de mim e d'ella e isto para todo o sempre. Sim, meu filho?

Passaram-se alguns dias sem que succedesse nada que podesse inspirar receio. Sabino começou de acreditar, que Nero o havia realmente esquecido, e n'esta crença começou a occupar-se dos christãos e dos martyres como até então. Parecia, que uma força invencivel o impellia a vel os, ouvil os e amal-os.

Uma noite, de volta ao palacio, notou que um homem, emboçado n'um grande manto o seguia. Para, espera-o, conhece-o de prompto e diz-lhe:

—E's tu Marcello? Não sabia que estavas em Roma.

—Tanto estou, que até sei que tiveste a honra de seres recebido pelo imperador. Irias tu tambem apresentar-lhe teus serviços?

—Os deuses me defendam de tal, respondeu Sabino. E' que me accusaram de ser christão e o imperador quiz saber a verdade da minha propria bocca.

—E effectivamente, isso corria por ali como certo; mas já que tu me asseguras que não ha nada...

Marcello, a fallar-te a verdade, não me são indifferentes os christãos e então digo-te mais, até os admiro.

—Diz-se, todavia, que são muito criminosos.

—Bem sei; e tambem se affirma que foram elles os incendiarios de Roma. Mas a esse respeito creio que Nero poderá dar-te informações melhor que ninguém.

Marcello estremeceu.

—Não falles tão alto, Sabino, disse-lhe este em voz baixa e olhando se ouvia alguém. Se nos ouvisse algum delator... Logo Nero...

—Ah! eu sou franco. O Cesar é como um animal feroz, se tarda em apanhar-me nas unhas é para ser maior e mais completa sua vingança; a não ser, que o nome de Sabino lhe metta medo e o obrigue a espaçar assim o dia da minha morte... Mas anda comigo, Marcello, vamos para meu palacio, e lá fallaremos com mais vagar.

Flavio Sabino e Marcello regulavam pela mesma idade, e tinham até sido socios nas brincadeiras da infancia. Flavio amava extremosamente Marcello e por isso gostava immenso de o encontrar, mesmo porque conhecia a fundo seu coração, séde da honradez e da virtude. Entraram, pois, ambos para o gabinete destinado ás conversações intimas.

—E' forçoso confessar-te, disse Sabino ao seu amigo, que ando com uma grande tribulação d'espírito. Marcello, vais-te admirar... mas talvez que a impressão seja maior que a surpresa...

—Por quem és, Sabino, explica-te depressa...

—Ainda ha pouco fallemos dos christãos. Pois bem; é forçoso confessar-te, que elles teem suscitado uma duvida no meu espirito.

—Uma duvida? exclamou Marcello visivelmente preocupado. E que duvida é?

—Vou dizer-t'a com a sinceridade de que és credor: a duvida consiste, em que talvez nós estejamos no erro e elles na posse da verdade...

—Meu amigo, isso é devéras? Acaso andarás como eu em busca da verdade? Desejarás a paz da consciencia assim como eu a tenho desejado?

(Continúa).

Retrospetto da quinzena

Um dos factos mais importantes que hoje temos a registrar é o que se deu ultimamente na Covilhã por occasião de se querer levar á scena a comedia do Sr. NN, *Os Lazaristas*. O director da companhia dramatica, o Sr. Antonio Candido d'Oliveira, contornado pelos mais actores, dirigiu ao *Conimbricense* um protesto, que bem mostra a

falta de bom senso n'uma grande parte da geração actual. O Sr. Antonio Candido d'Oliveira vem protestar, pelo *tribunal da imprensa*, pelos abusos praticados na noite de quinta-feira 17 do corrente, no theatro da Covilhã, onde tem funcionado. São estas as palavras do dito senhor! pelas quaes se prova a sua falta de senso por vir protestar contra abusos que só elle praticou. O director da Companhia foi á Covilhã insultar em suas crenças, aquelle povo verdadeiramente catholico, com a representação dos *Lazaristas*, praticando um abuso, um crime contra as leis fundamentais do paiz, crime que as auctoridades deveram punir, não com a prohibição do espectáculo, mas dando ordem á companhia para sahir de Portugal e ir exhibir a comedia burlesca do NN para as praças publicas de Marrocos ou Cabul. E por que teve a pedantesca ousadia de vir ainda fazer protestos, como que as leis do paiz podessem condemnar os offendidos e galardoar os criminosos, era dever da auctoridade competente instalar-lhe processo e dar-lhe carta franca para os presidios da coroa nas costas africanas.

E' isto o que deveram fazer as auctoridades, para que meia duzia de pantomimeiros não continuassem a andar por esse paiz a insultar um povo catholico, escudados com o hymno da carta e com as côres azul e branca com que escrevem os cartazes annunciadores das funcções. Mas aquelles a quem cumpre fazer respeitar a lei e velar pela ordem são os primeiros que concorrem para que a lei seja calcada e a ordem alterada; por isso na Covilhã, prohibindo o administrador a representação dos *Lazaristas*, não evitou que se representasse uma comedia de igual estofó—*Os Padres Malditos*.

Se cabem graves censuras á auctoridade, cabem ao mesmo tempo louvores bem merecidos aos reverendissimos snrs. Dr. Abilio Joaquim Pinto da Silva, José da Cruz Cornelio, José da Costa Oliveira Pinto, José Teixeira de Mendonça e Antonio Gomes Barata Feio, que se apresentaram á auctoridade pedindo que suspendesse o espectáculo, pois que era contra a religião, e contra os ministros da Igreja.

O povo aglomerara-se junto do theatro e para que os actores fossem a salvo para a hospedagem, tiveram de ser acompanhados pela tropa. Isto é dito pelo Sr. Antonio Candido d'Oliveira, e se assim foi, damos d'aqui mil parabens ao povo da Covilhã, bem mais digno que o povo de Guimarães e outras terras que não tiveram coragem de mostrar o seu amor pela religião e pela patria.

O director da companhia termina com estas palavras o seu protesto:

«Respeitamos todas as convicções politicas: mas não queremos que fiquem impunes os auctores do tumulto, que pôde ter graves consequencias para o paiz. Em nome da arte dramatica portugueza, pedimos ao sr. ministro que tome conhecimento d'este facto.»

Muito bem. Mas não basta respeitar as opiniões politicas; tem obrigação de respeitar primeiro as opiniões religiosas, porque insultando estas insulta os portuguezes nas suas crenças, n'um negocio de consciencia, emquanto a politica é negocio só de barriga. Não quer que fiquem impunes os auctores do tumulto? Nem nós o queremos tambem, e por isso pedimos todo o pezo da lei sobre o director da companhia que foi levar a discordia e a revolta á cidade da Covilhã.

A proposito disparatou na camara dos deputados o sr. Rodrigues de Freitas, cujos disparates não mencionamos para não sujar a nossa folha.

Repetem-se os insultos aos catholicos n'este pobre Portugal e depois culpam os catholicos, e fazem pezar sobre elles todas as responsabilidades. Ahi vaõ outra noticia que prova o que deixamos dito. E' dada de Lisboa ao jornal portuense *A Actualidade*. Eil-a:

«A maçonaria portugueza resolveu fazer um protesto anti-jesuitico, por occasião da celebração do centenario do marquez de Pombal e erigir um monumento ao grande estadista. Para adherirem a essa manifestação varios jornalistas e escriptores convocam para o dia 24 uma reunião dos seus collegas de Lisboa e representantes das provincias.»

Com esta noticia fica explicado o por que se festejara o centenario de Camões, festejo que não foi mais que a introdução de festas que se farão a quanto tratante tem havido em Portugal. A primeira vaõ ser dedicada ao maior tyranno que os seculos teem visto, apezar do Sr. Pinheiro Chagas nos dizer que elle fora o primeiro *liberal* d'estes reinos.

Lembrados devem estar os nossos leitores da noticia que deram os jornaes do Porto e que nós reproduzimos no passado numero, na qual se dizia que n'uma casa de educação dirigida por irmãs hospitaes havia homens vestidos com o habito das mesmas irmãs. Pois bem. O seguinte communicado, publicado na *Palavra* desfaz a calumnia, e mostra o estado em que está o nosso paiz, e as auctoridades que o governam. Eis o communicado:

«Sr. redactor.

Alguns jornaes do Porto publicaram ha dias a calumniosissima noticia de

que, n'uma casa de educação que é dirigida pela abaixo assignada se descubria que uma das pessoas do mesmo estabelecimento era homem vestido de mulher. E tanto bastou para que, dias depois, (no dia 22 do corrente, pelas onze horas da manhã) o sr. administrador do bairro occidental, fazendo-se acompanhar do sr. commissario de policia Adriano Acacio de Moraes Carvalho, do sr. sub-delegado de saúde substituto, Henrique Anthero de Souza Maia, da parteira Amelia Augusta Alves Mendonça e de mais dois empregados da administração, se apresentasse em minha casa para proceder ao *exame de sexo* da pessoa que foi objecto da denuncia.

Horrorisada em vista do grave attentado, não pude deixar de me oppôr, como me oppuz, e de logo protestar, como me protestei, com toda a energia de que sou capaz, contra a injuria atroz, que se me irrogava; e mais facil me seria deixar-me matar do que consentir no *pretense exame*; sentimentos em que me acompanham todas as pessoas que tenho em minha casa.

Foram testemunhas presencias de tudo que em minha casa e em minha presença se passou, no dia 22 do corrente, a Ex.^{ma} Condessa de Pangim, D. Anna Emilia de Moraes, D. Maria de Jesus d'Azevedo, D. Francisca Felicidade Corrêa Pacheco Pereira Moura Magalhães, D. Rita Adelaide Corrêa Pacheco Pereira Magalhães e os Ex.^{mos} Dr. Bernardo Teixeira de Moura Coutinho e João Francisco de Moraes.

Mas porque a imprensa inventora e propagadora da calunnia tem o atrevimento de asseverar que *realmente* se procedeu ao *dito exame*, venho com grande repugnancia, mas por necessidade, perante a imprensa do meu paiz, protestar de novo e solemnemente com toda a força da minha alma, contra tão insolito procedimento, tão flagrantemente violação do meu domicilio e da honra e dignidade das pessoas de minha casa, e asseverar de novo que não deixei fazer *tal exame*.

Ao lavrar este protesto contra um attentado tão inqualificavel e contrario aos mais vulgares principios do direito, não posso deixar de lamentar que a auctoridade superior do districto não impedisse, como devia, os seus subordinados, de se prestarem a proceder ao *frustrado exame*, para simples satisfação de quem quiz infamar-me.

Sou com toda a consideração

De V. etc.

D. Maria da Gloria Pinto Pizarro da Cunha Portocarrero.

Casa da Bandeirinha, 25 de fevereiro de 1881.»

Está pois confirmado o que anteriormente disseramos, e acrescentamos que a imprensa em Portugal é a vergonha de toda a imprensa do mundo.

Em meio de tamanho rebaixamento é consolação para todas as boas almas ver que ainda se praticam actos de amor filial e respeitosa consideração pela pessoa veneranda de Nosso Santissimo Papa Leão XIII. Em Coimbra uma comissão composta dos snrs. José Manoel de Carvalho, Manoel Aranha Furtado de Mendonça, Ruy Tavares Ferreira Almeida e Antonio Caetano, estudantes de direito e theologia, mandou celebrar um *Ts-Deum* na igreja de S. João d'Almedina, solemnizando a elevação de Leão XIII ao pontificado.

Celebrou o sr. bispo conde. Ao pulpito subiu o sr. padre Francisco Martins, estudante muito distincto do 2.º anno theologico, e em palavra eloquente celebrou as virtudes e os actos de Leão XIII.

Panegyrista convicto, que o é, e muito respeitavel pelas suas crenças, sabendo revesti-las de auctoridade, o sr. padre Martins deu á sua oração, simples, toda a impoençia do assumpto.

Bem hajam os distinctos academicos que assim affirmam, em meio dos macaqueiros, as suas crenças.

Parece que Guimarães vaca este anno sabir da monotonia com que ha annos commemorava o tempo da Quaresma. Nas sextas-feiras ha sermão na igreja dos Santos Passos, e aos domingos nas de S. Francisco e S. Domingos, sendo orador na primeira o Revd.^{mo} Abade de Requião e na segunda o Revd.^{mo} padre Carlos de Gouveia, de Braga.

Além d'isto passada a 3.ª dominga principiará na igreja de S. Domingos uma novena em honra do Sagrado Coração de Jesus, havendo missa e pratica de manhã, e exercicios e sermão de tarde. Consta-nos que para estes piedosos exercicios veem alguns padres jesuitas.

Estes piedosos exercicios são promovidos pelo mesmo devoto que mandou fazer a formosa imagem do Sagrado Coração de Jesus, benzida antes de vir para aqui pelo Em.^{mo} Sr. Cardeal D. Americo. Finda a novena será collocada a nova imagem no altar que se está preparando para a receber, e onde continuará á veneração dos fieis. Consta-nos que para o mez de junho será mais pomposa a festa, promovida já pela confraria que está em via de instalação. Que Deus recompense quem tanto se empenha em afervorar tão sympathica devoção e faça que este povo saia do indifferentismo religioso que o atrophia.

Na Ilha de S. Miguel é geral o terror occasionado pelos tremores continuos do solo. O nosso collega de Ponta Delgada descreve assim o terrivel cataclismo:

«Continuaram, porem, os tremores: em menos de 24 horas chegaram a contar-se 31, todos mais ou menos violentos. A ermida de Santa Barbara, onde pela primeira vez se disse missa n'esta ilha, desmoronou-se por partes, caindo tambem no chão a imagem da Senhora da Bonança, do altar da sua ermida.

Os habitantes aterrorisados á vista de tamanhos desastres, abandonaram as casas, dormem parte da noite, ou ao relento, ou em alpendres e barracas, e não tem cessado de fazer preces, procições de penitencia, jejuns, em um admiravel accordo de fé e contrição.

No sabbado, 12 do corrente, pelas 4 horas e meia da tarde, sentiu-se outro fortissimo tremor, que completou a ruina de muitas casas e damnificou outras que até então estavam incolumes.

A lomba do *Cavalleiro* foi de todas as sete a que mais soffreu, contando-se tambem muitas ruinas em todas as outras. Entre as variadas versões que correm sobre o numero de casas destruidas e estragadas, parece-nos mais proxima da verdade a que calcula em CEM as que estão completamente derrocadas, estando todas as outras mais ou menos fendidas; havendo tambem quem de lá nos diga que aquellas andam para mais de duzentas. Na Villa propriamente dita não ha relativamente tantos prejuizos. Ainda é cedo para affirmar com certeza qualquer d'estes numeros.»

Deus afaste tantos males de sobre aquelle povo.

E livre os povos da Covilhã da terrivel peste que os infesta. Depois do que a tal respeito escrevemos no principio d'esta revista, encontramos n'um jornal o seguinte:

«Escrevem da Covilhã, em data de 22: Hontem pelas 3 horas da tarde reuniram, nos paços do concelho, para mais de 500 pessoas, e ali, constituídas em comicio sob a presidencia do sr. Thonaz Antonio Ribeiro—um dos bravos do Mindello—depois de brillantes orações dos snrs. Drs. Pedroso dos Santos e João das Neves, que n'esse mesmo dia tomara posse do cargo de administrador do concelho, foi votada unanimemente a seguinte moção:

«O partido liberal covilhanense, affirmando n'este comicio a sua cohesão e unidade, presta o culto fervoroso das suas crenças aos principios da tolerancia, que são apanagio dos povos e dos governos livres; e assevera a sua inteira adhesão ás instituições vigentes e á dynastia reinante.» Seguidamente, por proposta do sr. Mattos, foi votada a

creação de uma associação liberal, sendo logo nomeada uma grande commissão para tratar da confecção dos estatutos, etc.

Hontem á noite houve uma recita com os *Lazaristas*, pela mesma companhia que outro dia fôra insultada, mas n'outro theatro arranjado em local mais amplo, sendo todos os bilhetes tomados pelos snrs. commendador Marcellino e José Maria Mello. A recita correu sempre na melhor ordem, havendo durante ella repetidas demonstrações de entranhado affecto á liberdade.»

O que vale para salvar a patria é haver ainda alguns dos *bravos* do Minidello! E, porque ainda appareceu um na Covilhã o partido *liberal* continua a mandar tocar o hymno da carta e a asseverar a sua adhesão á dynastia reinante. Portanto, viva o Snr. D. Luiz I, e toque o hymno.

Foram á scena, afinal *Os Lazaristas!* Bravo! parabens aos Snrs. Marcellino e José Maria Mello, por tomarem todos os bilhetes. Mas sempre desejavamos saber como é que estes senhores tomaram os bilhetes. Como purga parece-nos que não seria, porque para purga era bastante fazer uma tisana da comedia do Snr. dos NN, e *livres* estariam os taes senhores. Fosse lá como fosse, o certo é, que os snrs. Marcellino e José Maria Mello, *tomaram os bilhetes todos!* Poderá! a não ser o patriotismo d'estes senhores, quem os tomaria?!

Já que estes dois senhores Mellos são de caridade, lembramos-lhe um facto que é narrado por uma folha d'Evora, facto que abre uma boa porta aos taes senhores para exercerem a caridade. Eil-o:

«No extincto convento de Santa Monica d'esta cidade, havia uma creada que já conta 84 primaveras, e que entrou para aquelle convento da idade de 4 annos.

«Aonde irá exhalar o ultimo suspiro esta pobre mulher, que desde a sua infancia viveu na solidão do claustro?»

Não *tomem* os bilhetes todos para outra vez e mandem o preço de algum a esta pobre victima da *liberdade*.

Os jesuitas da missão de Santo Ignacio, em Mantana (Estados-Unidos), publicaram recentemente um dictionario kalispel, ou selisk. E' a lingua que falam os indios chamados Cabeças Chatas.

Estes jesuitas teem manias! Olhem o que lhes deu na cabeça! fazer um dictionario!

São d'uma ignorancia estes padres, que faz mesmo rir a gente! Se fossem os snrs. Mellos da Covilhã, compravam mil resmas de papel e tomavam-as todas, fazendo assim um bom serviço á *civilização* e ao *progresso*. Mas é que

estes dois Mellos não são jesuitas, são... *liberues!*

Finemos com a seguinte noticia que encontramos no nosso collega da *Nação*:

«*Poder de S. José.* — São admiraveis os favores, que Deus concede aos devotos de S. José. Santa Thereza dizia que não se lembrava de ter pedido a S. José graça, que lhe não tivesse alcançado. Experimente-o, pois, quem se vir em allicção.

Em abono do que dizemos, deve saber-se, que uma doente, declarada incuravel por quatro facultativos, foi livre da morte imminente por intercessão de S. José, a quem se recorreu em laço tão apertado.

E liquem lá os senhores macaqueiros com o seu estulto positivismo, que nós, os catholicos, cá iremos indo tambem com o nosso, que fundado na fé religiosa, nos ensina a crer no poder de Aquelle que, ha quasi dois mil annos, resuscitou a Lazaro (que ja exhalava mau cheiro), e que, ainda hoje, tem em suas mãos a vida e a morte das suas creaturas.

Vita et mors... a Deo sunt.»

Tomem lá mais esta carolice os dois snrs. Mellos da Covilhã.

J. DE FREITAS.

Agradecemos ao nosso collega do BRAZIL CATHOLICO, do Rio de Janeiro, a honra que nos fez transcrevendo o artigo do PROGRESSO CATHOLICO: — «Sinos e Órgãos», do ex.º snr. Bernardino Senna Freitas.

Secção Bibliographica

Os ultimos trinta annos. — *O Cura d'Aldeia.* — *O Inferno dos Cimes.* — *O Manual do Christianismo.* — *Theologia moral.* — *Historia verdadeira da Inquisição.* — *As duas fundeiras.* — *A' volta do mundo.*

Fertil nos foi a passada quinzena em brindes de livros, opusculos e folhetos, graças aos editores e auctores, que assim nos vão dando provas do quanto apreciam o *Progresso Catholico*. Mil graças a todos e mais de mil prosperidades para as suas emprezas.

Dêmos o logar d'honra, n'esta revista, á ultima produção do primeiro historiador do seculo actual, Cesar Cantu. Fallemos d'um livro que ora acaba de publicar-se e de que, por vezes, nos temos occupado — OS ULTIMOS TRINTA ANNOS.

Aguardavamos com anciedade a conclusão d'este trabalho prehe de interesse e realiado conscienciosamente, porque nada do que a tal respeito se havia escripto nos satisfazia o desejo, este desejo de saber a verdade, de conhecer os factos historicos narrados por um homem despido dos erros que eviam a maior parte dos modernos historiadores. Finalmente estão plenamente satisfeitos os nossos desejos, satisfeitissima a nossa curiosidade, e cumpridos fielmente todos os pontos sob que esta obra fôra annunciada. Temos, pois, a historia dos ultimos trinta annos, a narração dos factos occorridos desde 1848 a 1878, escriptos por um homem competentissimo, pelo homem que mais conhecimento tem das sciencias, das artes, dos costumes, da religião, da politica de todos os povos e de todas as epochas. Este volume é como a cupula do grande edificio erguido por Cesar Cantu, d'essa obra monumental, capaz por si só de dar a immortalidade a um homem: — A HISTORIA UNIVERSAL.

As revoluções da Italia, a expedição do Mexico, a guerra da Crimeia, as machinações de Napoleão III e a sua desastrosa queda do throno elevado sobre as desgraças da Europa, a questão religiosa, etc., etc., tudo nos é apontado nas 439 paginas de 8.º grande, que formam o livro de que nos occupamos.

Para os que possuem a *Historia Universal*, e para os que querem ter a narração dos ultimos acontecimentos, recommendamos este livro como o melhor para satisfazer mesmo aos mais exigentes.

O seu preço é de 900 reis, e foi editado pelo snr. Francisco Arthur da Silva, de Lisboa, editor tambem da *Historia Universal*.

— O CURA DE ALDEIA é uma outra obra bem digna de recommendar-se e que devera andar nas mãos de todos que lêem romances, tomando o logar a esses livros d'onde trasborda a peçonha exhalada dos espiritos miasmaticos dos *Eças* e *Morenos*.

O *Cura de Aldeia* é escripto pelo auctor do *Martyr do Golgotha*, e conta já duas edições entre nós, sendo a segunda a que acabamos de receber. N'este romance dá-nos Henrique Perez Escrich o verdadeiro modelo d'um parcho de aldeia, todo elle caridade, todo amor pelos infelizes; e não é menos digno de admiração, e menos digno de notar-se o caracter probo e desinteressado de um rapaz educado pelo parcho, aquelle sympathico Roque, tão louco de amores pela sobrinha do bon P.º João, e que vae servir a patria para fazer uma obra de caridade, para substituir um outro, e que na guerra, encontra, pela sua caridade o pae, general rico, e que em toda a sua vida

dá as maiores provas do quanto vale a educação recebida das mãos d'um padre.

Se fosse Eça de Queiroz, o romanista porcalhão, quem escrevesse o *Cuerra de Aldeia*, dava-nos na figura de Roque, porque fora educado por um padre, o typo da mandreice, um perfeito patifo, todo dado a emprezas torpes, etc., etc. Cautella, por isso, com todos os livros firmados pelo nome de *Eça de Queiroz*.

São tres volumes, com algumas estampas e custam 15800 reis. E' edição da *Bibliotheca do Cura de Aldeia*.

—Da mesma empreza recebemos o 3.º volume do INFERNO DOS CIMES, continuação do *Amor dos Amores*, devido tambem á penna de Henrique Perez Escrich.

Ha n'este romance um bom estudo acerca dos parasitas que abundam nas nossas cidades, e que não é fóra de proposito conhecer-se. A calunnia, arma que os traficantes da honra e da fazenda alheia sabem manejar, é posta ali bem patente. Torna-se portanto digno de ser lido.

—Por estarmos na Quaresma não é fóra de proposito fallar d'um livro, que acaba de offertar-nos o snr. Francisco Arthur da Silva, e que sobremodo apreciamos. Referimo-nos ao MANUAL DO CHRISTIANISMO, para Missa, Confissão e Semana Santa. E' de todos os livros d'este genero o mais completo, e que melhor pôde satisfazer uma alma piedosa.

Alem do methodo de assistir á Missa, das orações para todos os dias e para os santos de mais devoção, tem todo o officio da Semana Santa, visitas ao Santissimo Sacramento, as diversas festas do anno e muitas outras devoções. E' um volume de 774 paginas, em formato comodo para as senhoras levarem para a igreja e com variadas encadernações aos preços seguintes:

Em percalina a 800 reis; em carneira, com relevo 15000 reis; em marroquin com fechos e folhas douradas a 18200; em chagrin, formosas encadernações com fechos e folhas douradas 15500. Ha ainda outras encadernações até ao preço de 185000 reis, mas esta de 15500 é já uma encadernação, não diremos de luxo, mas muito propria para uso d'uma senhora ainda a mais asseada. Recommendar este livro ás leitoras do *Progresso Catholico*, e a todas as damas catholicas do nosso paiz é dever nosso, como é dever de todos nós o fazer propaganda de tudo que é bom, de tudo que pôde ser proveitoso ás almas de nossos irmãos.

—Vae entrando n'um periodo regular a publicação da THEOLOGIA MORAL de Pedro Scavini, vertida para portuguez pelo P.º José d'Almeida e Silva.

Temos presente o fasciculo n.º 16 (1) que chega até paginas 400 do 2.º volume. Bom é que esta obra, de tanta utilidade para os estudantes theologos, seja em breve concluida, para podermos dar os parabens ao traductor e bem assim aos editores, que fazem um bom serviço ás patrias letras.

—O grande acontecimento da quinzena é com certeza o annuncio feito pelo editor do *Progresso Catholico* para a publicação da *Historia Verdadeira da Inquisição*, por D. Francisco Xavier G. Rodrigo. E na verdade, quando a Inquisição é a arma favorita dos inimigos da Igreja; quando por toda a parte se escuta um grito horrivel, medonho, contra o tribunal do Santo Officio, o annunciar aos quatro ventos a publicação d'uma obra, que vae mostrar o que foi aquelle tribunal, as calamidades que pôz cobro, os bens que d'elle advieram á sociedade, é cousa para se admirar, e não só para se admirar, mas até para fazer tremer de medo os amigos da... *liberdade*, os que vêem um inquisidor em cada padre, um espião do Santo Officio em cada sujeito que vae á missa, um potro de tormentos em cada altar, uma chamma para atear as fogueiras nas mãos de qualquer sachristão de aldeia.

Que vem fazer cá essa *Historia*? dirão os admiradores do sabio de Valle de Lobos, os que só sabem da Inquisição o que o dito sabio lhe impingiu na sua *Historia da Inquisição*.

Vem desfazer as teias de aranha creadas na cabeça de muita gente, e para prova de que vem desfazer muitas caraninhas é bastante a censura a que o auctor a submetteu. E' uma obra escripta á face da historia e com o espirito que domina em todos os escriptores catholicos, como se prova pela seguinte

CENSURA ECCLESIASTICA

Tendo lido e examinado cuidadosamente por commissão de V. S.ª a obra intitulada *Historia verdadeira da Inquisição*, escripta por D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo, cumpre-me dizer a V. S.ª que a dita obra nada contem contra a verdade e pureza dos sagrados logmas e moral da Sancta Igreja Catholica, Apostolica, Romana, e que, abundando, por outro lado, em preciosos dados que refutam victoriosamente as calumniosas invenções dos inimigos do Sancto Officio, creio opportunissima a sua publicação, porque a sua leitura

(1) Quando tivermos recebido a caderneta n.º 17, enviaremos ao nossos assignantes as 3 juntas 15, 16 e 17, para evitar descaminhos, que se tem dado com remeça por fasciculos soltos.

Teixeira de Freitas.

não poderá deixar de contribuir muito para o esclarecimento da verdade historica de um ponto de tanta importancia para a honra da nossa Sancta Igreja, e para a rectificação do juizo desfavoravel que muitas pessoas de boa fé tem formado a respeito de tão sancto Tribunal, por não terem ouvido nem lido geralmente, n'este seculo que vae transcorrendo, senão vituperios contra a sua instituição.

Collegio de Escuelas Pias de São Fernando de Madrid, 1.º de Setembro de 1876.—Ildefonso Polo da Conceição, Ex-Provincial honorario.—Ill.º e Ex.º Sr. Vigario de Madrid e seu districto ecclesiastico.—E' copia.—João Moreno.

Enviando os leitores para o annuncio que vae na capa que acompanha este numero do *Progresso Catholico*, temos cumprido o nosso dever.

—Como dissemos ao principiar esta revista foi fertil a quinzena para nós. Cá temos outro romance editado pelo snr. David Corazzi, e devido á penna de Gomes de Amorim.

As duas Fiandeiras é o titulo com que se adorna este romance de costumes populares. As scenas principaes distendem-se na freguezia de Amorim proxima da Povoas de Varzim. Tem quadros magnificos do nosso viver rural e por vezes, em estylo galhofeiro nos dá Gomes de Amorim uma ideia do que é a vida de aldeia quando a animo a chegada d'um *brasileiro* com os seus contos de reis e os seus nenhuns escrupulos.

—Uma publicação que de todo nos não parece despida de interesse é a que se está fazendo em Lisboa sob o titulo: — *A' volta do mundo*. E' feita em fasciculos de 20 paginas em bom papel, excellente impressão, e illustrada com primorosas gravuras. São seus directores litterarios os snrs. Dr. Theophilo Braga, e Abilio Eduardo da Costa Lobo.

Quer-nos parecer que o snr. Theophilo Braga emprestara simplesmente o nome para *abrilhantar* a primeira pagina da obra, e ainda bem se assim fôr; porque se o *sabio professor* da escola positivista em Portugal tem realmente a direcção do periodico *A' volta do mundo* asceira certa teremos, e em grande abundancia.

Vamos ler os numeros que devemos ao editor, e que lhe agradecemos, e depois mais de espaço formaremos a nossa opinião.

F. DE GUIMARÃES.

IMPRESSA COMMERCIAL

DE

SANTOS CORREA & MATHIAS